

INFORMAÇÃO, SOCIEDADE E CIDADANIA: práticas informacionais de organizações não governamentais – ONGs brasileiras

Eliany Alvarenga de Araújo

Resumo

Análise a relação Informação e Cidadania, a partir das práticas informacionais implementadas por Organizações Não-Governamentais (ONGs) brasileiras trabalham com a questão do gênero e dos direitos da mulher. As práticas informacionais caracterizam-se através das seguintes ações: recepção (como ação de seleção), geração (como atividade de reapropriação, no sentido de agregar valor à informação) e transferência de informação (como ação de socialização de informação). Destaca que a informação deve ser gerada, transferida e recebida através de um processo educacional coparticipativo, possibilitando com isso a formação de um sujeito social com capacidade de desenvolver consciência de si e do mundo e, a partir daí, seja capaz de implementar ações políticas em diferentes níveis, desenvolvendo assim, uma cidadania ativa, ou seja, lutando pela possibilidade de criação, transformação e controle sobre o poder ou poderes.

Palavras Chave

Informação e Cidadania; Informação e Sociedade; ONGs e Informação; Socialização da Informação.

o sujeito a desenvolver uma série de ações, que denominaremos de práticas sociais. Estas práticas sociais podem ser definidas como ações desenvolvidas por um indivíduo ou grupos de indivíduos localizados em determinada formação social. Como coloca Oliveira (1993):

“O homem se experimenta a si mesmo como aquele cujo ser se constrói por sua ação dentro de um mundo: ele se faz por sua relação com o mundo, que ele transforma, assim em um mundo humano no contexto das relações sociais. O homem se experimenta então, originariamente, situado, isto é, inserido num contexto sócio-humano e sabe que conquista seu ser através de relacionamentos com outros homens. O mundo comum lhe vem ao conhecimento através da linguagem, que retém a experiência histórica de comunidade. O homem nasce dentro de uma comunidade de comunicação: sujeitos que agem comunicativamente se compreendem sempre dentro de um horizonte de sentido que constitui o conjunto de evidências que sua comunidade adquiriu através da história. É sempre dentro desse todo de significação que

1 INTRODUÇÃO

A construção de uma sociedade leva

emerge o sentido de tudo o que o homem encontra em sua vida: o sentido de cada realidade particular que o homem encontra recebe a sua determinação a partir dessa totalidade construída historicamente”.

No contexto das práticas sociais, a informação é um elemento de fundamental importância, pois é através do intercâmbio informacional que os sujeitos sociais se comunicam e tomam conhecimento de seus direitos e deveres e, a partir daí tomam decisões sobre suas vidas, seja em nível individual ou coletivo. Assim, ao estabelecerem circuitos comunicacionais os sujeitos constroem as práticas informacionais. Estas podem ser definidas como *ações de recepção, geração e transferência de informação que se desenvolvem através de circuitos comunicacionais que ocorrem nas formações sociais*. Consideramos que a construção da cidadania ou de práticas de cidadania passa, necessariamente, pela questão do acesso/uso de informação, pois tanto a conquista dos direitos políticos como dos direitos civis e sociais depende fundamentalmente do livre acesso à informação sobre tais direitos, de uma ampla circulação e disseminação/comunicação de informação sobre os mesmos e de um processo de discussão crítica sobre os processos que se desenvolvem no contexto social em questão. Consideramos que o não-acesso a informação dificulta o pleno exercício da cidadania. Assim, a informação deve ser vista como um bem social e um direito coletivo como qualquer outro, sendo tão importante como o direito à educação, à saúde, à moradia, à justiça e tantos outros. Entretanto, a informação apresenta um duplo e contraditório caráter, uma vez que ela, pode provocar transformações no sentido de transformar por acumulação (a informação veiculada confirma a realidade, gerando equilíbrio) ou pode transformar por ruptura

(a informação não confirma a realidade conforme a conhece o sujeito do conhecimento, gerando mudanças).

A partir dessas considerações, analisaremos a relação entre informação e cidadania a partir da caracterização de práticas informacionais desenvolvidas no contexto de Organizações Não-Governamentais – ONGs brasileiras.

2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO CONTEXTO DAS ONGs BRASILEIRAS – CAMPO DE PESQUISA

Foram pesquisadas as seguintes ONGs brasileiras:

Região Nordeste:

- 1) Cunha - PB;
- 2) Grupo de Mulheres da Ilha – MA.

Região Centro-Oeste:

- 1) Cfemea – DF;
- 2) Transas do Corpo – GO.

Região Sudeste:

- 1) Ecos – SP;
- 2) Cemina – RJ.

3 PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO CONTEXTO DAS ONGs BRASILEIRAS - ANÁLISE

A) Recepção de Informação

Observamos que a prática de recepção desenvolve-se em dois momentos: num primeiro momento, temos o acesso à informação, que representa um momento inicial na prática de recepção que pode ser denominado de “consumo de informação”. Este consumo é muito bem detectado nas esta-

tísticas coletadas pelos mais diferentes sistemas de informação, tais como bibliotecas, arquivos, centros de documentação, bancos e bases de dados, redes de comunicação eletrônica, redes de televisão e rádio, etc. Entretanto, essas estatísticas quantificam o acesso à informação, mas não revelam maiores detalhes sobre o uso/utilidade/transformações provocadas pela informação. Se quisermos compreender de forma mais aprofundada o fenômeno informacional e de forma mais específica a prática de recepção de informação, num contexto de práticas de cidadania, devemos desenvolver uma análise que contemple o segundo momento dessa prática, ou seja, o momento da seleção da informação. Um dos caminhos possíveis para realizar tal análise pode ser a caracterização dos critérios de seleção utilizados pelo sujeito-receptor para decidir sobre o uso ou não da informação acessada.

A partir dessas considerações temos o esquema (Figura 1) reproduzido no início da próxima página.

Considerando este esquema como representativo da prática informacional de recepção, indagamos: que critérios as ONGs pesquisadas usam para selecionar, entre a imensa carga de informações que recebem diariamente, as informações que lhes são úteis?

Antes de caracterizar tais critérios, devemos salientar que assumir sua existência significa considerar que o sujeito receptor é um sujeito ativo, uma vez que recebe passivamente as informações. Ele as recebe e em seguida desenvolve uma ação propositiva, ou seja, uma ação que evidencia sua postura/intenção sobre a informação acessada. Portanto, o sujeito receptor faz outras coisas com a informação e ultrapassa os limites que as determinações ini-

ciais (oriundas do sujeito emissor) fixavam seu uso/interpretação. Portanto, o sujeito receptor seleciona (DE CERTEAU, 1994).

As falas dos entrevistados evidenciam o estabelecimento de alguns critérios de seleção, que transformam a informação acessada/consumida em informação selecionada/útil¹.

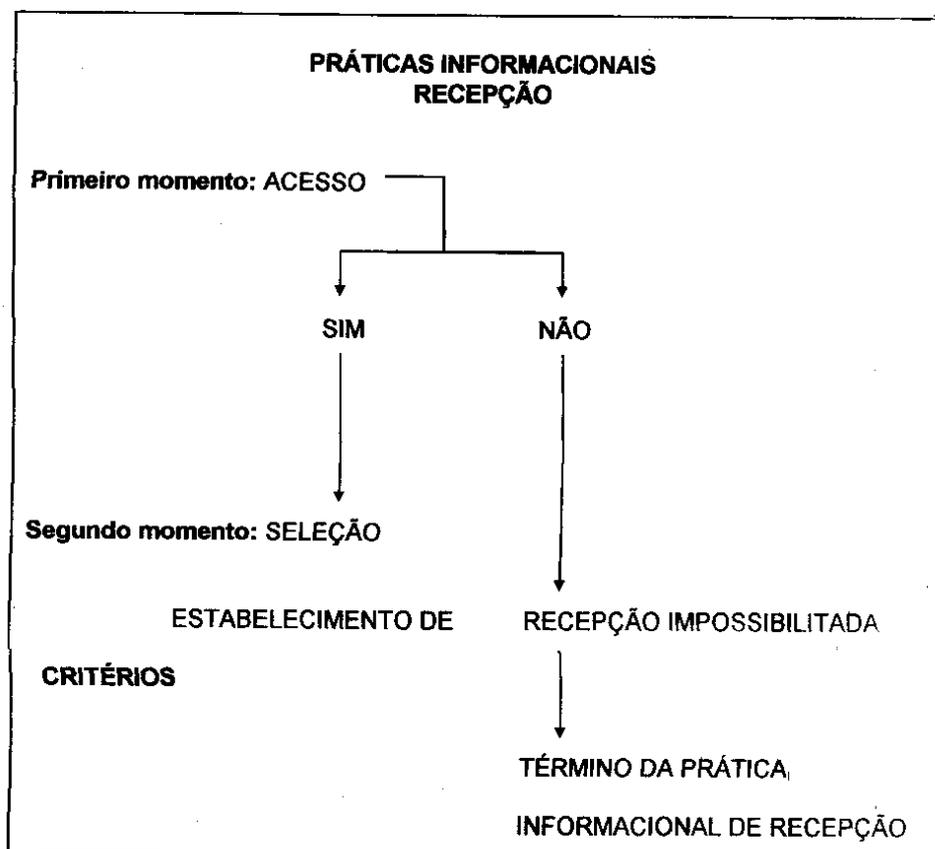
Assim, temos os seguintes critérios básicos:

- a) Interrelação entre informação recebida e realidade vivenciada pelo sujeito receptor;
- b) compreensão do código utilizado para o envio da informação tanto em termos da língua utilizada como do tipo de linguagem utilizada (linguagem científica, religiosa, filosófica, do senso comum, artística, etc.).

A partir desses critérios básicos, desenvolve-se a seleção de informação no contexto das ONGs pesquisadas, o que nos leva ao esquema:

Os critérios inter-relação da informação recebida com a realidade do usuário e compreensão do código utilizado (em termos de língua utilizada e do tipo de linguagem utilizada) para o envio da informação envolvem o desenvolvimento de ações de percepção, interpretação/compreensão da informação por parte do sujeito receptor. Através dessas ações complementares, ocorre a seleção da informação recebida. Se a informação foi selecionada pelo sujeito receptor, podemos considerar que ocorreu um processo de convergência, ou seja, um processo no qual o sujeito receptor reconhece a informação acessada como sendo um conteúdo válido. Tal reconhecimento se dá a partir de uma mediação entre o acervo social do conhecimento² desse sujeito, a realidade/situação

FIGURA 1



Fonte: Entrevistas realizadas em 1997.

vivenciada, onde ele pretende utilizar tal informação e a informação recebida, o que nos

¹ “(...) recebemos informações das mais variadas fontes, mas nem tudo é útil ao nosso trabalho. Por exemplo, os jornais diários contêm muitas informações, mas são informações muito amplas. Na maior parte das vezes, eles não têm especificidade de que necessitamos para o nosso trabalho”.

“(...) recebemos informações do próprio movimento feminista, das relações que mantemos com outras ONGs, das redes temáticas de que participamos. Por exemplo, nós participamos da Rede Nacional de Saúde e Direitos Reprodutivos, uma rede nacional de mulheres feministas que reúne gente de todo o país. Nesta rede nós trocamos informações sobre experiências produtivas, produzimos e divulgamos

informações e conhecimentos gerados por pesquisas desenvolvidas por nós”.

“(...) o sucesso neste negócio de informação se relaciona diretamente à necessidade sentida ou não sentida e isso depende da situação de vida de cada pessoa”.

“(...) a coisa da informação é tão louca que pequenos detalhes fazem uma grande diferença. Recebemos muitas informações, mas nem tudo é útil. Acho que o nível de utilidade se relaciona com a nossa necessidade de agir”.

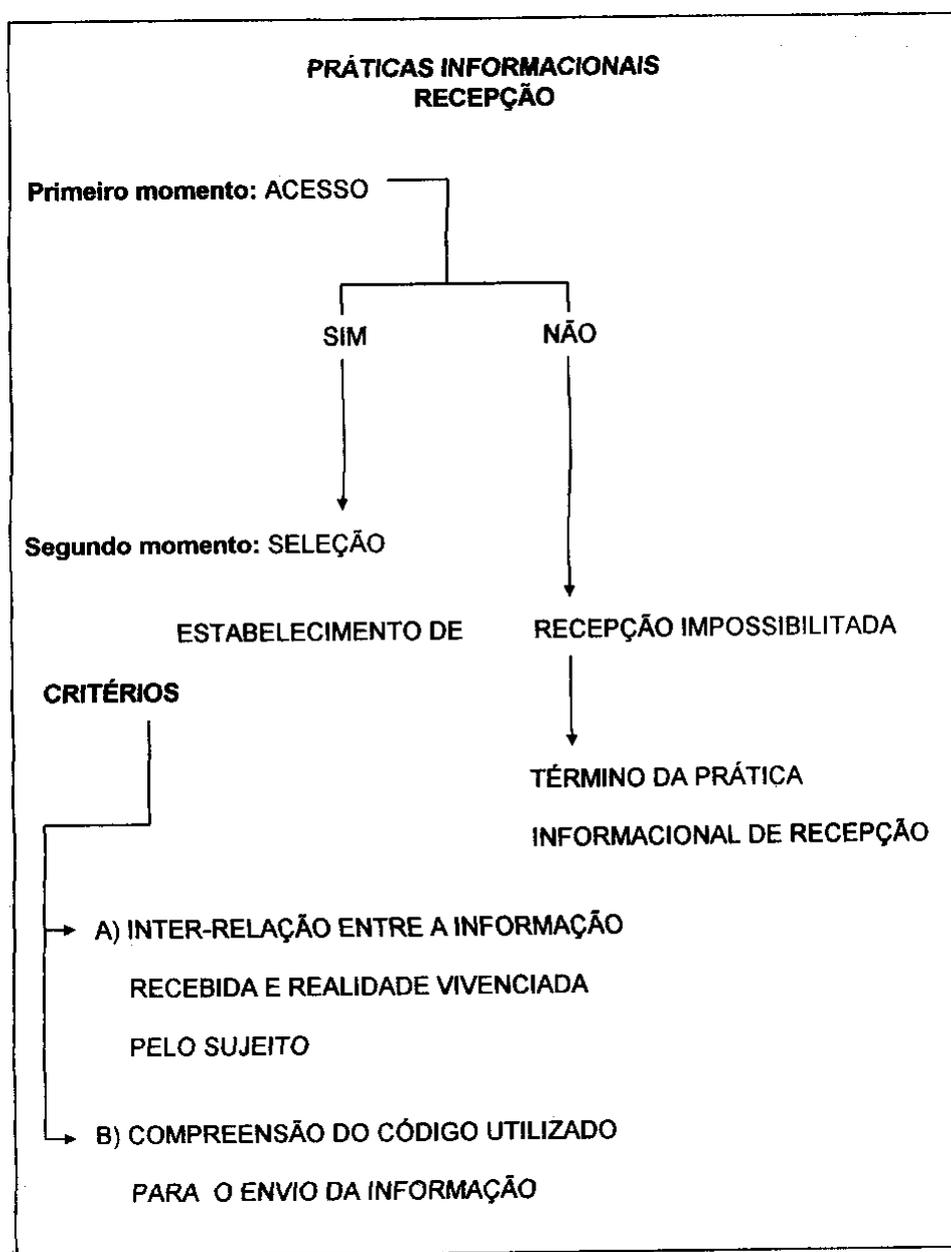
“(...) se a informação possibilita ação imediata em relação a algum problema ou atividade que estamos desenvolvendo, então ela se torna útil. Isso é muito dinâmico, muda de forma muito rápida”.

leva ao esquema (Figura 3) apresentado acima.

Mas, no processo de recepção da informação, podem ocorrer também conflitos, ou seja, ocorrer um processo de divergências, em que há várias tentativas de percepção, interpretação/compreensão, porém todas finalizando em respostas consideradas incorretas pelo sujeito receptor. Tal pro-

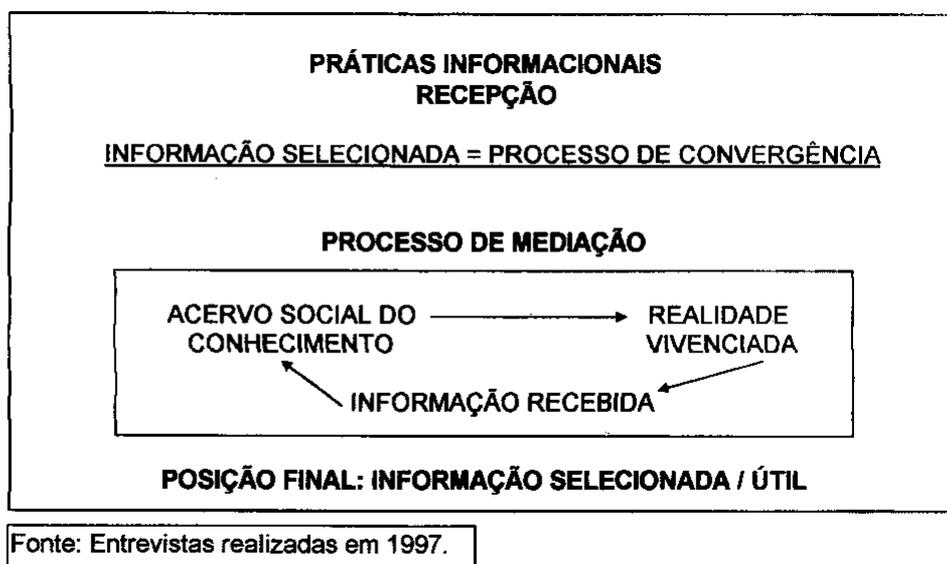
cesso de divergência ocasiona a recusa da informação por parte do sujeito. Nesse processo divergente, o sujeito receptor também consulta seu acervo social do conhecimento e estabelece uma mediação entre este e a situação vivida em que se pretende utilizar a informação em questão. Nesse caso, não se dá uma mediação positiva entre os elementos. Vários motivos podem levar à recusa/descarte da informação recebida.

FIGURA 2



Fonte: Entrevistas realizadas em 1997.

FIGURA 3



Cada situação de recusa/descarte estrutura-se em motivos únicos que são, no campo da Ciência da Informação, denominados de barreiras. Estas, por sua vez, são variadas e têm sido caracterizadas como elementos inerentes ao fenômeno informacional a partir dessas considerações, temos o esquema (Figura 4) apresentado acima.

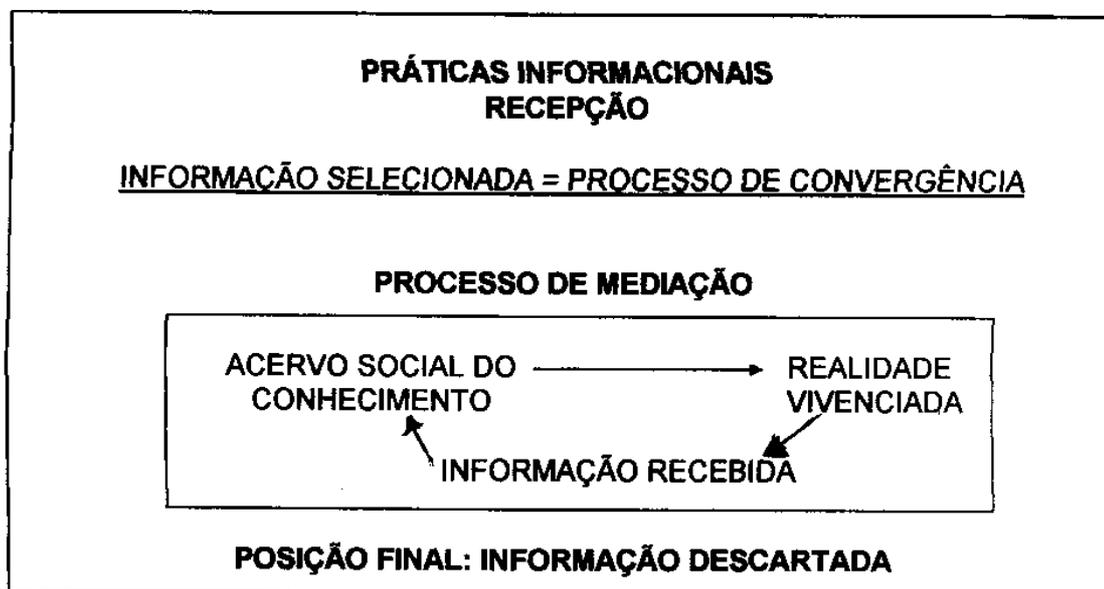
Colocamos anteriormente que o sujeito receptor utiliza critérios para selecionar informações no momento da recepção. Mas, por que ele desenvolve tal ação?

Podemos compreender a ação de seleção se considerarmos que a realidade e/ou a vida cotidiana comportam setores rotineiros ou não-problemáticos, apreendidos naturalmente, e setores que se apresentam em forma de problema, o que, ao serem enfrentados, enriquecem-nos, trazendo-nos novos conhecimentos.

Conforme Berger e Luckmann (1985), este conhecimento advindo das soluções dadas aos problemas produzidos pela vida cotidiana contém uma multiplicidade de instruções sobre a maneira de enfrentá-los. Uma vez resolvidos tais problemas, o conhecimento oriundo dessa situação passa a integrar o nosso acervo social do conhecimento, que inclui o conhecimento “de minha situação (meus objetivos e necessidades) e de seus limites”. Esse processo se repete indefinidamente, ou seja, para todas as informações recebidas, o indivíduo busca um sentido no seu acervo social de conhecimentos e, uma vez atribuído tal sentido a informação pode ser utilizada ou não. Isso vai depender da informação recebida, da realidade/situação que está sendo vivenciada pelo sujeito e do sentido que ele mesmo atribui a esta informação. Vale salientar que a informação selecionada/utilizada é produção de um sujeito cognitivo-social, uma vez que participa de uma “sociedade do discurso”, ou

² Segundo Berger e Luckmann, *acervo social do conhecimento ou conhecimento já estabelecido*, significa que, nos campos semânticos constituídos pela linguagem, a experiência do indivíduo, tanto histórica como biográfica, pode ser objetivada, conservada e acumulada. Tal processo de acumulação é seletivo e constrói um acervo social de conhecimento, que é transmitido de uma geração para outra e é utilizado pelo indivíduo na vida cotidiana. (BERGER, P.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1985. P.60).

FIGURA 4



Fonte: Entrevistas realizadas em 1997.

seja, de um contexto que é composto pela socialidade³ e pela atividade cognitiva do sujeito.

Outra questão a ser salientada é que a informação pode produzir transformações no estado mental do sujeito cognitivo-social. Conforme coloca Brookes (1980), uma vez selecionada a informação leva à mudança de estado de conhecimento, ou seja, ocorre a passagem de um estado de conhecimento X para um novo estado de conhecimento Y, devido ao acréscimo/ampliação de carga de conhecimentos desse sujeito. Se o sujeito social aplicar/socializar tal conhecimento no contexto social, pode provocar a transformação desse contexto. Consideramos que as possibilidades de transformação via informação se iniciam na prática informacional da recepção.

Assim, a primeira transformação possível relaciona-se à estrutura cognitiva do sujeito receptor, ou seja, a recepção é uma ação que pode transformar internamente o sujeito cognitivo-social.

Há também o fato de que a mídia pode criar necessidade de informação nos indivíduos, fazendo com que passem a se interessar por informações que têm necessariamente uma relação direta com sua realidade, com seus problemas cotidianos. Nessa situação, pode ser considerado que o usuário de informação detenha um nível muito reduzido de conhecimentos sobre sua realidade/cotidiano e sobre tais informações, pois quanto menor for o acervo social do conhecimento desse sujeito menos apto ele se sente para entender determinada informação e, conseqüentemente, mais

propício estará a seguir o caminho traçado pelo sujeito-emissor. Esta questão é tratada de forma aprofundada pelos estudos que analisam a indústria cultural, e não será desenvolvido nos vários estudos sobre os canais de comunicação e as barreiras existentes no processo de disseminação da informação e, conseqüentemente, na prática informacional da recepção. Assim, no contexto das ONGs pesquisadas, a recepção de informação se dá através dos seguintes canais:

- **Canais formais:** periódicos, vídeos e livros⁴;
- **Canais Informais:** palestras, reuniões entre os componentes das ONGs e os beneficiários de seus serviços, troca de experiências entre as ONGs, conversa face a face.
- **Canais semi-formais:** participação em fóruns temáticos (utilizando simultaneamente textos, periódicos, conversa face a face e do correio eletrônico) e desenvolvimento de pesquisas, utilizando simultaneamente livros, periódicos e conversa face a face.

O uso desses canais produz uma dinâmica informacional muito intensa no contexto das ONGs pesquisadas, mantida através do contato diário dessas organizações com várias fontes de informação. Pelos dados coletados, observamos que as seguintes instituições se constituem em sujeitos emissores:

- Movimentos feministas (tanto em nível local, como regional, nacional e internacional);
- grande mídia (televisão, rádio e imprensa);

³ Socialidade: experiência coletiva. (Teixeira, 1993).

- profissionais de saúde;
- outras ONGs;
- redes temáticas;
- órgãos governamentais;
- movimentos sociais;
- redes de comunicação eletrônica (em especial as redes Alternex e a Internet);
- Congresso Nacional;
- Igreja Católica;
- universidades e instituições de pesquisa;
- beneficiários das atividades/serviços das ONGs pesquisadas.

A partir desses dados, pode-se elaborar o quadro (Figura 5, localizada na próxima página) sobre os sujeitos emissores que compõem a dinâmica informacional no contexto das ONGs pesquisadas.

Outro aspecto que surge a partir da identificação dos canais de comunicação é a questão das barreiras, que se caracterizam como elementos redutores da eficiência das práticas informacionais. Os dados coletados junto às ONGs pesquisadas apontam as seguintes barreiras:

⁴ "(...) a produção teórica e videográfica do movimento feminista é fundamental para o nosso trabalho, pois nos informa estudos sobre a questão de gênero e sobre os direitos da mulher. Na verdade, através dessas informações 'alimentamos' a nossa necessidade de aprender sobre estes temas e temas correlatos. É importante também porque temos a possibilidade de rever essas informações quantas vezes quisermos, pois elas estão registradas em livros, jornais e vídeos.

- **Barreira de idioma:** o principal problema é a língua inglesa, mas tem sido vencido através de traduções⁵;
- **barreira de capacidade de leitura:** capacidade do usuário selecionar e ter todas as informações relevantes para atender a sua demanda⁶.

Considerando que os canais de comunicação eletrônica foram citados pelos entrevistados, indagamos aos mesmos se os critérios utilizados para seleção das informações recebidas se aplicavam também aos canais de comunicação eletrônica. Os dados coletados permitem considerar que a resposta a esta indagação foi positiva⁷. Assim, observamos que esses critérios não se originam da relação entre a informação e os formatos de canais de comunicação ou entre a informação e o potencial de disseminação da informação, mas das relações estabelecidas entre a informação e os sujeitos emissores e receptores.

Uma questão que se coloca é a de que, se os canais de comunicação eletrônica possibilitam o acesso à informação de forma tão rápida, eles deverão, ao longo do tempo, substituir os outros canais de comunicação? Tal questão foi apresentada aos entrevistados. Os dados coletados evidenciam que, no nível do contexto das ONGs pesquisadas, os canais eletrônicos ampliam as possibilidades de comunicação, mas não têm substituído os outros canais mais tradicionais e principalmente o contato/conversa face a face, fundamental para o trabalho desenvolvido pelas ONGs (ação política e renovação/ mudança de mentalidades)⁸.

Outro aspecto destacado em relação ao uso de canais de comunicação eletrônica relaciona-se a questão das informações de natureza sigilosa, que não são veicula-

das através desses canais e que, para se ter acesso, deve-se desenvolver uma ação de convencimento, de conversa cara a cara⁹. Na verdade, a questão do sigilo não se relaciona apenas aos canais eletrônicos, pois essa situação se relaciona à questão da posse/manutenção de poder em suas mais variadas facetas.

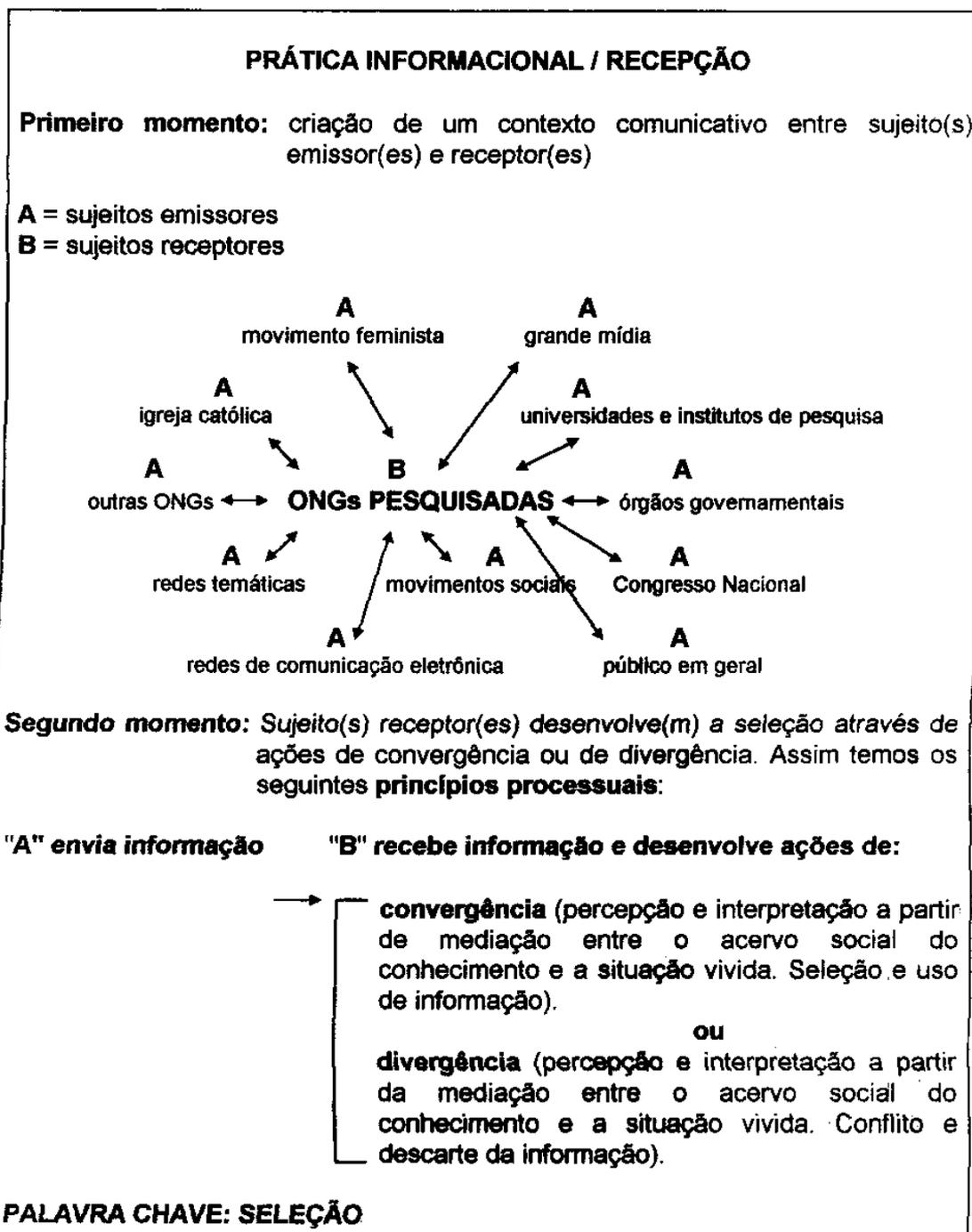
B) Geração de Informação

A prática de geração de informação pode ser compreendida como o momento de criação da terceira informação. Esta, por sua vez, é conceituada como o processo de qualificação dos dados originais operados pelos sujeitos receptores. Assim, a terceira informação surge da leitura das informações recebidas e selecionadas (informações úteis) pelos sujeitos receptores, ou seja, surge após a ação de seleção. Esta leitura caracteriza-se como um processo de

⁵ "(...) o inglês é uma língua muito importante, pois as agências internacionais de financiamento utilizam esta língua e tem também a Internet, em que quase tudo está em inglês. É difícil receber informações nesta língua".

⁶ "(...) eu percebo que chega informação constantemente, mas nós não conseguimos ler tudo que chega. É coisa demais. Depois da Internet, esta questão ficou bem pior, pois aumentou ainda mais a quantidade de informação que nós recebemos".

⁷ "(...) podemos dividir a recepção de informação aqui na nossa ONG em dois momentos: antes e depois das redes de comunicação eletrônica. Na época em que não usávamos as redes de comunicação eletrônica a informação chegava através de periódicos, folhetos, vídeos, cartilhas de órgãos governamentais, cartas-circulares, ou então chegavam como impresso, pelo correio tradicional. Esta época do 'antes das redes' foi um momento muito rico em aglutinação de elementos, de composição de redes temáticas que geram milhões de informações. Depois que começamos a utilizar as redes, principalmente o correio eletrônico, que nós já usamos desde 1994, muita coisa mudou. Mas o principal é a rapidez de acesso à informação, o que não significa necessariamente informação de qualidade".



Fonte: Entrevistas realizadas em 1997.

atribuição de sentido, um processo de reapropriação do texto do outro (sujeito emissor), objetivando atribuir-lhe um novo sentido. Conforme De Certeau (1994), “ao qualificar a informação a partir de suas necessidades, o usuário de informação se transforma num leitor e nesse papel ele modifica o sentido atribuído pelo autor. Ele se apropria da informação selecionada e gera uma nova informação. Entretanto, (...) o leitor o lugar do autor nem o lugar de autor. Ele combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações”.

Em várias falas dos entrevistados fica

⁸ “(...) Considero que os canais de comunicação eletrônica vieram ampliar as opções de informação. Não acho que venha se dando uma substituição dos canais de comunicação tradicionais pelos canais eletrônicos. Acho que os canais tradicionais são extremamente úteis. E será sempre fundamental ver a cara das pessoas no tipo de trabalho que fazemos”.

“(...) seja na Internet, seja através de fax, de telefone ou ainda através de folhetos, vídeos ou apostilas. (...) Nenhum desses canais substitui a interação face a face, pois a informação sozinha não faz nada. A informação é o instrumento, a comunicação é o processo, e a reunião desses dois elementos através da conversa face a face é que permite a mudança de mentalidades, que é muito lenta”.

“(...) para nós, é fundamental ouvir as pessoas quando elas têm contato com nossas publicações, programas de rádio e oficinas. É importante saber como elas estão entendendo a nossa mensagem. E para isso o melhor canal é a conversa face a face. Na Internet, pelo nível de formação escolar do pessoal com que a gente trabalha, não dá para fazer isso”.

⁹ “(...) a gente tem assinatura da Internet. No conjunto, esta rede não funciona bem, quer dizer, não funciona bem para o nosso trabalho junto ao Congresso Nacional, pois as informações que nós precisamos estão com certas pessoas, são informações que não são divulgadas de forma ampla. Nós temos que ‘arrancá-las’ dessas pessoas. (...) Mas a Internet é muito boa para recebermos informações de outras ONGs e grupos de mulheres e enviar informações sobre nossas ações para essas organizações e grupos. Para isso é muito bom”.

evidente esta operação de reapropriação¹⁰.

Além da questão da reapropriação visando à atribuição de um novo sentido à informação selecionada, além do sentido originalmente recebido, ocorre neste momento de geração uma outra renovação, uma vez que esta nova informação será mais eficiente se utilizar o nível de fala dos usuários a quem se destina (os novos receptores). Algumas falas evidenciam esta operação¹¹.

As falas anteriores apresentadas evidenciam a presença de um critério no momento da geração da informação. Este critério se relaciona à utilização do nível de fala dos usuários da informação, o que, na verdade, relaciona-se ao critério da inter-relação entre informação e realidade do usuário. Esse critério tem como base comum o lugar social dos sujeitos sociais, ou seja, todos os entrevistados são componentes de ONGs e buscam, de forma geral, um mesmo objetivo – a transformação de realidades/mentalidades. Assim como no momento da recepção (quando o sujeito receptor seleciona a informação tendo por base a sua realidade e o código lingüístico), no momento da geração de informação estes critérios também são utilizados. Essa lógica do lugar social funciona tanto para os componentes das ONGs como para os beneficiários de suas ações. Conforme Orlandi (1996, p.138), “... o falante ‘sabe’ sua língua mas nem sempre tem o ‘conhecimento’ do seu dizer: o que diz (ou compreende) tem relação com o seu lugar social, isto é, com as condições de produção de seu discurso, com a dinâmica de interação que estabelece na ordem social em que ele vive”.

Assim, no processo de geração da informação, ocorre a reapropriação através

¹⁰ “(...) todos os produtos informacionais, sejam vídeos, folhetos, cartazes, todos eles surgiram da nossa vivência com os grupos os quais trabalha-

da atribuição de novos sentidos à informação. No campo da Ciência da Informação,

mos.”

“(…) nada está isolado, a informação não é neutra. Então a luta por direitos de cidadania tem que ter essa linha de ação política. E toda informação para o cidadão tem que ter um sentido explícito, desvendado. Por exemplo ao se trabalhar com a questão da AIDS, nós não apenas falamos que se deve usar a camisinha e pronto. A informação de peso não é essa. A gente tem que falar por que tantas pessoas pegam AIDS, por que existe incidência dessa doença em determinados grupos e classes sociais, por que as mulheres já estão em primeiro lugar em termos de contágio; temos que falar também do prazer e de formas perigosas de obter prazer. Com essas informações, a questão da AIDS deixa de ser apenas a questão de usar a camisinha e passa a ser uma questão íntima, social, cultural, econômica e de saúde. Tem um pano de fundo nesta questão que precisa ser evidenciado. Este pano de fundo é a informação com um certo sentido. Isso é uma questão política, quer dizer, de ação no espaço público.”

“(…) nós trabalhamos com mudança de mentalidade. Nós queremos uma sociedade onde se consiga declinar um pouco, se não reduzir totalmente o sexismo, racismo, a homofobia. São pretensões gigantescas, mas nós temos isso aí dentro de nós. Não tem um trabalho que a gente faça em que valores não estejam presentes. É uma posição pública, uma postura política. (...) Seguramente as informações que nós geramos têm a nossa cara, a nossa ideologia, a nossa visão de mundo”.

“(…) a reunião das informações vindas dos grupos de mulheres gera novas informações/novos documentos, que são levados ao Congresso Nacional. O deputado faz críticas e aí nós ficamos conhecendo a viabilidade política do tema, os entraves no Congresso Nacional, verificamos a possibilidade de esse tema ser discutido de forma mais ampla e proveitosa, se é o momento certo para ele virar projeto de lei. Neste processo, a informação que surge de cada uma dessas ações é nova, é informação com sentido renovado. Ela não é apenas a informação originada nos vários grupos de mulheres com os quais mantemos contatos ou apenas a informação oriunda do deputado ou de algum pesquisador ou ainda a informação com a nossa posição política de feministas. Ela é a junção disso tudo”.

“(…) a informação que nós geramos é uma informação feminista, na quantidade máxima de feminismo que a gente puder colocar. Temos uma visão de mundo feminista, queremos fazer uma revisão dos pontos que nós consideramos errados e assim ge-

esta prática é denominada de “informação com valor agregado”, que coloca a informação não como algo dado, mas como uma construção que, por sua vez, tem uma dupla natureza: social e técnica. Conforme Barreto, existem três formas de se agregar valor à informação:

• Agregar valor ao nível do estoque de

ramos uma informação e uma prática que contemplem essa visão”.

“(…) a gente recebe aqui muita informação sobre muita coisa. O que a gente faz é pegar essas informações e transformar em algo palatável, ou seja, em algo que tenha sentido para nós, em algo que apoie nossas ações. Assim, é uma questão de você ler tudo aquilo que recebeu, tudo o que achou sobre o tema em questão e tentar fazer outro texto pensando na população que você atende, ou seja, pensando nas suas necessidades de ação”.

¹¹ “(...) se eu usar uma linguagem acadêmica do tipo, do gênero, etc. e tal, será que aquela mulher simples vai entender por que o marido bate nela? Será que não seria melhor trabalhar de outra forma, com outro nível de informação, com palavras que ela entenda? Eu acho que este é o caminho”.

“(…) em todos os boletins que nós elaboramos, tentamos escrever como se fala, de forma coloquial, de um jeito simples, que qualquer pessoa possa entender. Então, provavelmente para você que é uma acadêmica esta informação vai parecer uma coisa óbvia, superficial. Mas a informação que nós geramos não é para você que é acadêmica, é para um grupo social popular, que vai entendê-la porque as palavras do boletim são iguais às palavras que eles usam cotidianamente”.

“(…) se você trabalha com mulheres da zona rural, que têm uma formação reduzidíssima, a informação oral é a mais eficiente, pois elas lêem muito pouco, é cansativo, elas não têm o domínio seguro do código escrito. O rádio é um canal de comunicação muito importante para atuar neste contexto. Mas existem detalhes que potencializam esse canal e nos garantem uma informação contextualizada em maior nível. Assim, é preciso cuidar do nível da linguagem, das músicas utilizadas. Não adiante colocar Milton Nascimento ou Geraldo Vandré. Nós é que gostamos dessas músicas, elas gostam das músicas das festas locais, como Bumba Meu Boi, forró e músicas religiosas. Depois dessas experiências de geração de informação para comunidades rurais via rádio, a gente tem ampliado nossa capacidade de ação às mesmas”.

informação, quando se organiza em estoques visando a sua recuperação e uso.

Neste caso, haverá um reprocessamento da informação, com a utilização de técnicas conhecidas e estabelecidas, como catalogação, classificação, indexação, etc., e aqui a intenção é agregar valor ao todo, ou seja, a todo estoque de informação, com vistas a uma recuperação controlada e adequada. Aqui, a agregação de valor se processa com uma elevada incidência de custos de reprocessamento e de redução da informação, dentro de uma racionalidade técnica e produtivista, em que o princípio fundamental é quantitativo, visa a disponibilizar a maior quantidade de informações potencialmente relevantes para um julgamento de valor dos receptores/usuários desses estoques. A agregação de valor, nesse caso, processa-se no *quantum* de informação como um todo;

- **Agregar valor à informação no estágio de transferência para o usuário.** O valor agregado assume, aqui, características qualitativas, diferentes do caso anterior, pois a intenção é compatibilizar a qualidade da informação, em forma e conteúdo, à qualidade do contexto em que se pretende que a informação seja assimilada ou aceita. Nesse caso, a informação é contextualizada para instigar uma possível geração de conhecimento. Aqui, o valor adicionado destina-se a respeitar as limitações contextuais em termos cognitivos, culturais, sociais, econômicos, utilizando, ainda, um código que seja simbolicamente significativa para os usuários e seja acessível ao espaço social considerado e aos usuários que habitam esse espaço. A agregação de valor, então, se dá em nível da mensagem. A geração de informação no contexto das ONGs pesquisadas pode ser enquadrada nes-

ta forma de agregação de valor à informação;

- **Agregar valor no nível do receptor.** Ao receber uma informação passível de ser assimilada, o sujeito receptor tem condições de reelaborar esta informação, gerando uma nova informação que agrega valor à informação inicialmente recebida. Nesse sentido, o sujeito receptor torna-se, de uma forma particularmente sua, o proprietário da informação recebida, pois somente ele a reelaborou daquela maneira, a fim de gerar uma nova informação. A agregação de valor, neste caso, dá-se no nível do receptor.

No livro intitulado *Value-added Process in Information System*, Robert Taylor (1986) explica o processo de transformar dados em informação útil, num processo que agrega valor. Em seu livro, Taylor examina quatro atividades significativas encontradas em sistemas de informação, descrevendo as funções dos processos e mostrando como elas agregam valor à informação:

- **Organização** que se dá através das técnicas bibliotecárias (catalogação, classificação, indexação, etc.) e tem por objetivo possibilitar um acesso mais rápido e produtivo à informação contida nos vários tipos de registros. Essa organização agrega valor à informação porque os usuários conseguem obter, com relativa facilidade, a informação de que precisam. Este é o primeiro passo nos que agregam valor à informação e seu principal valor está no tempo poupado em procurar a informação necessária;
- **Análise** da informação, que pode ser dividida em análise dos dados objetivando evidenciar a qualidade e a precisão, e análise voltada para os pro-

blemas, objetivando auxiliar o usuário da informação a resolver um problema, esclarecer uma situação ou tomar uma decisão;

- **Síntese** da informação, que consiste em reunir a informação de uma forma significativa e ponderada, aglomerando-a em blocos que possam ser usados. Alguns dos processos que são utilizados para sintetizar a informação são a classificação dos assuntos dos documentos/fontes de informação e a redação de resumos desses documentos;
- **Julgamento** que é o processo final, quando ocorre a filtragem/sintetização da informação para situações específicas, a partir daí, a informação tem potencial para ser usada.

Conforme Taylor, o potencial da informação para o uso será mais elevado se esses processos tiverem sido aplicados. Partindo dessas colocações, indagações: como se dá o processo de agregação de valor à informação no contexto das ONGs pesquisadas?

Consideramos que os processos acima citados ocorram nas ONGs pesquisadas. Assim, temos que as atividades de análises/síntese/julgamento da informação se dão através de pesquisas/estudos, elaboração de documentos, desenvolvimento de eventos variados (oficinas, cursos, palestras, debates, troca de experiências, reuniões, projeção/discussão de vídeos). A atividade de organização ocorre em menor escala, devido a uma consciência reduzida, no contexto das ONGs brasileiras, sobre a importância dos aspectos de preservação/ organização da informação. Entretanto, tal situação está num processo de mudança, pois quatro das ONGs pesquisadas já têm bibliotecários contratados.

Conforme pudemos ver, a informação não é um objetivo em si mesma. Ela é um instrumento que pode auxiliar o sujeito social em suas questões. Assim, a informação é um meio e como tal só poderá atingir seu potencial transformador de estruturas (mentais e sociais) através de processos de reapropriação ou de agregação de valor. Outro aspecto que deve ser salientado neste processo de geração de informação é a questão da presença do sujeito gerador na informação. Assim, indagamos: quais as “marcas” do lugar social dos entrevistados na informação gerada pelas ONGs pesquisadas, ou seja, como as condições sociais desses sujeitos geradores interferem no sentido dado às informações?

As falas dos entrevistados trazem algumas “marcas” comuns, que nos permitem construir um perfil da informação gerada, ou seja, da terceira informação. Esta informação, por um lado, origina-se de múltiplas e dinâmicas relações estabelecidas entre o contexto social e os objetivos/necessidades das ONGs e, por outro lado, essa mesma informação busca constantemente manter uma ligação entre a teoria e a prática, sendo que a primeira surge como uma consequência da segunda e esta, por sua vez, é representada a partir da primeira. O uso de diferentes metodologias/técnicas e da linguagem cotidiana para gerar a informação evidencia que ela é “construída” tanto pelos componentes das ONGs como pelos beneficiários dos serviços dessas organizações, através de inúmeros circuitos comunicacionais. Neste contexto, a informação adquire características de processo social, com explícitos objetivos de auxiliar o desenvolvimento de ações diretamente políticas, ou seja, esta informação busca a transformação de mentalidades, dos grupos sociais com os quais as ONGs trabalham, num primeiro momento, e da sociedade como um todo, num segundo momento.

Assim, a informação gerada deve não apenas informar, mas provocar o repensar de práticas e estruturas sociais e, a partir daí, auxiliar nos processos de mudança dos sujeitos sociais e da sociedade.

A partir de geração de informação no sentido da reapropriação/agregação de valor pode ser sintetizada da forma apresentada no quadro (Figura 6) localizado na próxima página.

C) Transferência de Informação – Reconceituação

No campo da Ciência da Informação, de uma maneira geral, conceitua-se a transferência de informação como o conjunto de operações envolvidas na transmissão de informação, desde sua geração até sua utilização (FIGUEIREDO, 1979). Esta conceituação gera o esquema básico do processo de transferência de informação (Figura 7, localizada no alto da página 47).

Este esquema orientou vários estudos do campo da Ciência da Informação. A maior parte desses estudos tratava do tema da transferência de informação a partir do contexto científico e tecnológico e tinha por base teórica o enfoque sistêmico (PAIVA, 1990). Outra característica desses estudos é a classificação dos canais de comunicação utilizados para transferência e para barreiras que reduzem o acesso/uso da informação.

A partir dessas considerações, surge uma indagação: se grande parte dos estudos sobre transferência de informação feita no campo da Ciência da Informação tem como objeto de estudo o campo científico e tecnológico, como deveríamos proceder para analisar este mesmo tema em um outro campo social, no caso as ONGs brasi-

leiras?

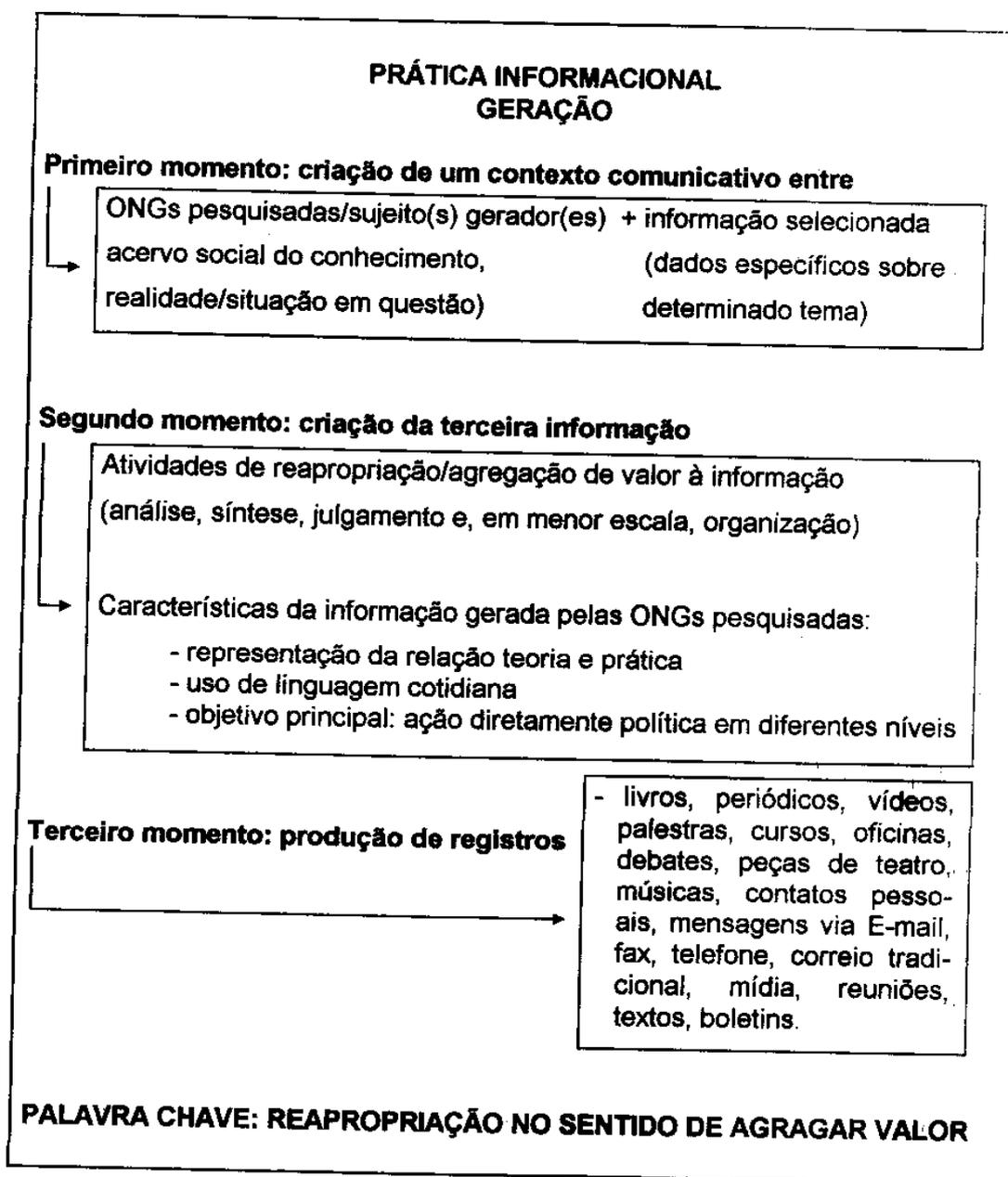
D) Transferência de Informação como Prática de Socialização

Inicialmente, buscamos ampliar a conceituação do termo transferência de informação, o que nos levou ao conceito de transferência de informação como uma prática informacional que trata da socialização da informação¹², em que, através de um acordo entre produtores e usuários definem-se as necessidades informacionais e as metodologias mais adequadas para atendê-los. A socialização da informação tem por base a criação de um contexto comunicativo no qual estejam presentes, de forma ativa e igualitária, tanto os produtores como os usuários de informação. Através das falas dos entrevistados, surgem indicações de ações de socialização da informação gerada¹³.

Observamos que, na prática informacional de transferência enquanto socialização, o diálogo é o elemento central. Outro elemento que se faz presente é o uso da linguagem cotidiana, que permite a comunicação entre os diferentes sujeitos sociais.

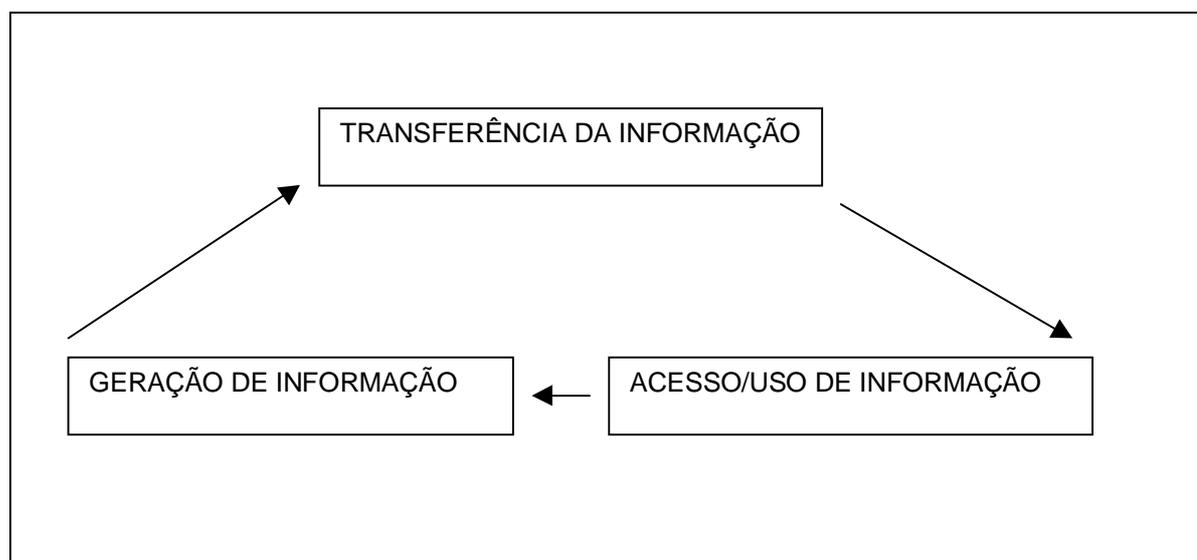
Conforme Teixeira (1993), “a trama social é constituída pela pluralidade das trocas de palavras (que, por sua vez, transmitem informações). As palavras, a comunicação e a base estruturante da sociedade”. Assim, através das várias formas/canais de comunicação, a informação estrutura a ligação entre os indivíduos, dos indivíduos com o social e vice e versa, e se constitui em um dos elementos fundantes do cotidiano. “A fala é um paradigma de toda relação social e se constitui numa troca simbólica por excelência, ela mediatiza toda a tro-

FIGURA 6



Fonte: Entrevistas realizadas em 1997.

FIGURA 7



Fonte: Figueiredo, 1979.

ca, a partir da qual se cria e se estrutura toda a vida coletiva”. Neste sentido, podemos considerar que a informação é elemento estruturante da realidade.

O processo de transferência de informação enquanto socialização pode ser sintetizado da forma apresentada no quadro reproduzido na Figura 8.

¹² (Nora; Minc, 1978, p.123). Socializar a informação é dispor de mecanismos através dos quais sejam gerados e se harmonizem as contradições e as liberdades (...). Hoje, a informação descendente (que chega às pessoas comuns) é mal aceita porque aparenta ser o prolongamento de um poder como uma manipulação; será mais e mais necessário que tenham em conta as condições de recepção. Esta participação não será aceitável a não ser que os grupos antagonicos sejam igualmente capazes de fabricar, tratar e comunicar sua própria informação.

No contexto da transferência de informação, são usados vários canais de comunicação:

- **Canais formais**, que são livros, periódicos, vídeos, folhetos educativos;
- **Canais informais**, representados por palestras, programas de rádio, contatos interpessoais, troca de correspondência, visitas, reuniões;

¹³ (...) eu ainda acredito no Paulo Freire. Então a gente, no trabalho de transferir a informação que a gente gera, seja em uma comunidade popular, seja com profissionais de saúde, com grupos de mulheres ou de adolescentes, a gente tenta fazer uma ação educativa no sentido de uma troca de saberes. É um trabalho extremamente cuidadoso e delicado; onde se mostra que é possível mudar concretamente alguma coisa, por menor que seja essa coisa. Mas,

- **Canais semi-formais**, amplamente utilizados, uma vez que, por definição esses canais permitem a reunião dos canais formais e informais. Dentre eles,

para alcançar isso, temos que desenvolver uma relação horizontal com os grupos trabalhados, em termos de saber, ou seja, todo mundo sabe alguma coisa sobre o tema trabalhado. Este é o ponto de partida da prática de transferência de informação enquanto ação de socialização”.

“... para que a informação que nós disseminamos seja bem aproveitada, bem compreendida, é preciso algumas ações, por exemplo: o levantamento das expectativas, a gente sempre faz isso ao trabalhar com mulheres do meio popular; é fundamental saber se elas sabem ler ou não, se já participaram de alguma atividade desenvolvida por nós, etc. Assim, cria-se um perfil das mulheres e com isso a gente pode desenvolver um trabalho mais adequado”.

“... fazemos um pré-teste, uma espécie de fotografia inicial, um diagnóstico para verificar temas de interesse, nível de conhecimento das pessoas, perfil do grupo, e aí construímos toda uma metodologia específica ao grupo com o qual estamos trabalhando. No final, avaliamos o trabalho feito através da coleta da opinião do grupo”.

“... a informação, para ser transformadora, deve ter um sentido claro, explícito. Deve ser repassada por um sujeito sócio-histórico localizado tanto em nível individual, como social para outro sujeito social, igualmente localizado”.

“... atualmente, estamos desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre o atendimento dado às mulheres nos postos de saúde do município. Nós objetivamos, através de um levantamento de informações sobre as condições desse atendimento, sensibilizar as autoridades (para realizar as melhorias/mudanças necessárias) e as mulheres (para atuarem como sujeitos reivindicadores de seus direitos de cidadania). A idéia final é tentar, por um lado, com que a prefeitura instale um posto de saúde modelo para o atendimento de qualidade para a mulher e, por outro lado, construir, em conjunto com as mulheres, uma mudança de mentalidade, para que atuem como cidadãs, como sujeitos reivindicadores de seus direitos de saúde. Isso é um trabalho a longo prazo, é um processo muito demorado”.

“... uma forma de transferir informações para grupos analfabetos é através do teatro popular. É um canal muito importante, porque nele não é a gente que fala, é o personagem e existe também a ale-

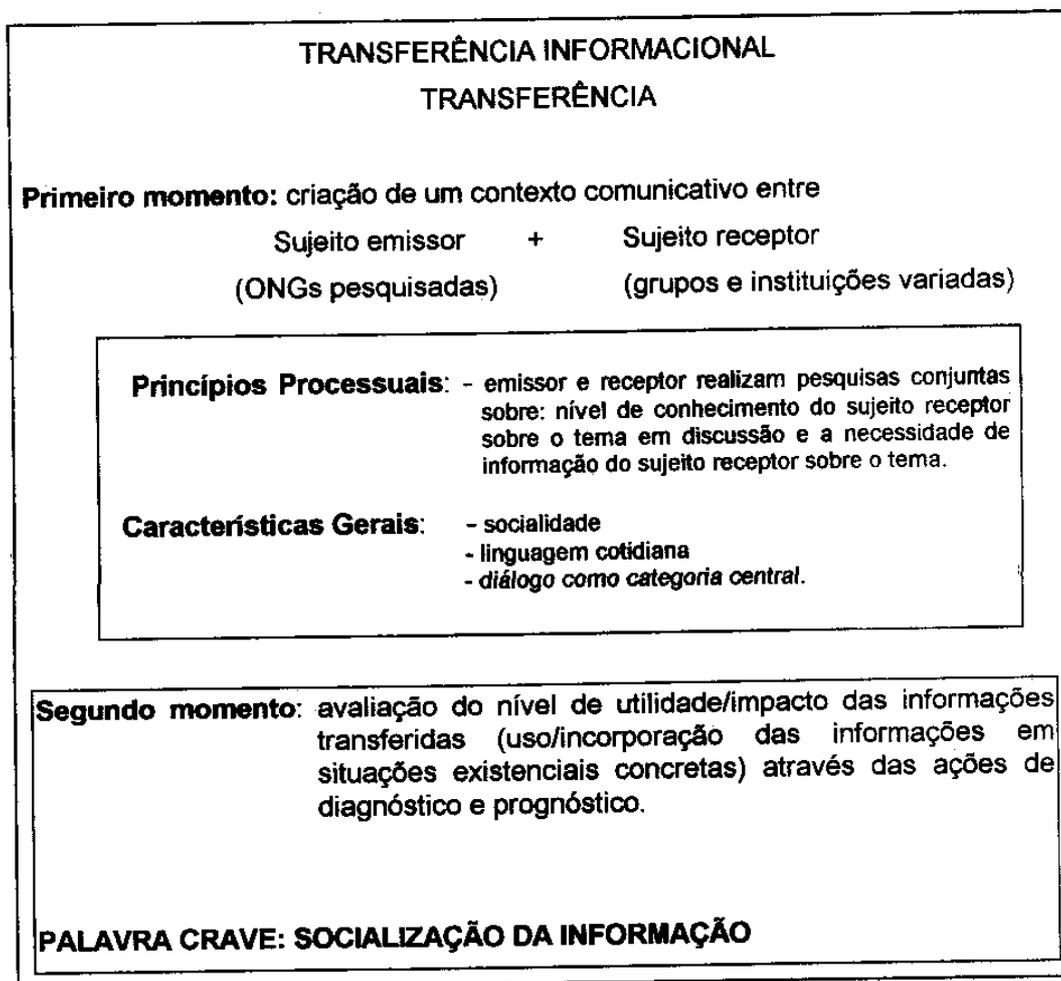
temos:

- oficinas, grupos de estudo e cursos (livros, periódicos, uso do correio eletrônico conversa face a face);
- dramatizações (textos e conversa face a face);
- projeção/discussão de vídeos (conversa face a face);
- mobilização dos meios de comunicação de massa (textos, correio eletrônico e conversa face a face);
- atendimento jurídico, psicossocial e em saúde reprodutiva (livros, periódicos e conversa face a face);
- pesquisa (livros, periódicos, relatórios de pesquisas, correio eletrônico e conversa face a face);
- lobby e pressão política (livros, periódicos, conversa face a face e correio eletrônico);
- participação em fóruns temáticos (textos, periódicos, conversa face a face e correio eletrônico).

Em termos de barreiras, foram citadas as seguintes:

gria que o espetáculo transmite, principalmente o teatro de bonecos. É o aspecto do lúdico que funciona muito bem. Tem também o rádio, que como o teatro, funciona muito bem para transferir informações para grupos sociais que não dominam o código escrito. Com grupos sociais que dominam esta técnica, textos são bons, mas o vídeo é muito educativo. Nesse negócio de repasse de informação tem detalhes que significam muito. Uma vez fizemos um boletim para mulheres da zona rural com letra cursiva. Elas falaram: por que vocês escreveram com essa letrinha de criança? Nós queremos com letra de gente da cidade, com letra de vocês da cidade, letra de máquina”.

FIGURA 8



Fonte: Entrevistas realizadas em 1997.

transferida;

- **Barreira ideológica:** a comunicação de idéias e o desenvolvimento de ações conjuntas das ONGs com órgãos governamentais é um processo muito difícil devido às diferentes posições políticas sobre a dinâmica sócio-econômica e cultural¹⁴;
- **barreira de eficiência:** sob o ponto de vista dos componentes das ONGs, ela ocorre devido à dificuldade em avaliar o nível de utilidade da informação
- **barreira de idioma:** dificuldades em trabalhar línguas estrangeiras¹⁵;
- **barreira terminológica:** decorrente de limites na interface homem/tecnologias de informação¹⁶;
- **barreira de capacidade de leitura:** pois a maioria dos beneficiários dos serviços das ONGs têm baixo nível de escolaridade, apresentando dificuldades na decodificação da linguagem escrita.

Vale salientar que consideramos que a prática informacional de transferência, conforme o sentido dado à mesma nesta pesquisa, se diferencia radicalmente da disseminação de informação, no sentido de que a segunda se caracteriza como a simples emissão de informação, de forma quase mecânica, ou seja, através de uma ação de fabricação (no sentido atribuído por Arendt, 1997). Consideramos que a transferência de informação se caracteriza como prática de socialização a partir de um contexto participativo-comunicacional (no sentido atribuído por Freire, 1977).

As diferenças entre a transferência de informação, como ação de socialização e da disseminação de informação como ação de fabricar e emitir informações, podem ser vistas no quadro a seguir (Figura 9):

Concluindo, consideramos que uma das principais características do homem é a sua capacidade de representar simbolicamente as experiências vividas, transformando-as em discursos com significação, em informações sobre o mundo que podem

ser comunicadas entre seus semelhantes. Assim, o aprendizado cotidiano do mundo realiza-se não numa simples relação direta com ele, estando antes mediado pelas informações geradas, preservadas e transmitidas na cultura, as quais ordenam e dão sentido a essa relação. Receber, gerar e transferir informações sobre si mesmo e sobre o mundo são atividades sem as quais não se poderia pensar o homem, pois é através dessas ações que ele constrói e reconstrói seu projeto de civilização. Assim, no nível das sociedades históricas, a produção e a reprodução de artefatos culturais¹⁷ realizam-se a partir do modo informacional. Nessas sociedades, toda prática social pode ser considerada como uma prática informacional, pois toda interação humana pressupõe recepção, geração ou transferência de informação. Em contrapartida, deve-se salientar que não se pode considerar que o funcionamento dos campos sociais seja integralmente informacional ou baseado nas práticas informacionais, pois, além dessas práticas existem, nos campos, sociais, as condições de produção, os objetos, os valores e sentidos que acompanham as informações. Essas colocações nos levam a considerar que a informação é um operador de relação ou, ainda, um indicador de mediação que possibilita e é possibilitado pelas relações sociais. E as práticas informacionais, por sua vez, e constituem em redes sociais, pois são, em última instância, conjuntos de múltiplas relações

¹⁴ "... eu acho que hoje a gente já conquistou um reconhecimento político, um reconhecimento da secretaria de saúde. Mas é um reconhecimento contraditório, porque vai bater nas questões políticas nossas e dessas autoridades que são, na verdade, visões políticas diferentes sobre a realidade. (...) dessas lideranças políticas que estão no poder e que têm uma visão diferente da nossa. Então, é um reconhecimento conflitante".

¹⁵ "... às vezes temos dificuldades com termos em inglês, mas temos que dar um jeito, pois esta é a língua dos organismos internacionais de cooperação não-governamental, que são nossos maiores financiadores".

¹⁶ "... sou uma pessoa meio avessa a essa coisa de computador. São tantas teclas e comandos que eu acabo me confundindo".

"... eu acho que eu sou a pessoa mais afastada dessa coisa de Internet, porque eu prefiro usar o papel".
"... a Internet me faz sentir uma anta de galocha. Quando eu comecei a navegar na famosa Internet, eu pude ver que não era exatamente a maravilha que falavam; tem muita porcaria, o acesso é muito demorado e o conteúdo das informações nem sempre é bom".

FIGURA 9

CARACTERÍSTICAS DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM AMBIENTE DE DISSEMINAÇÃO E DE TRANSFERÊNCIA DE INFORMAÇÃO		
CARACTERÍSTICAS	Práticas Informacionais	
	AMBIENTE DE DISSEMINAÇÃO	AMBIENTE DE TRANSFERÊNCIA
• Infra-estrutura		
sistema dominante	massificação	desmassificação, diálogo
fundamento tecnológico	transmissão	ligação
padrão de distribuição	amplas audiências	restrito, grupos de interesse
• Econômicas		
padrões de sociedade	concentrado (poucas vozes)	distribuído (várias vozes)
custo da estrutura	alto para provedores/baixo para consumidores	relativamente baixo para provedores/alto para usuários
• Conteúdo		
mensagens públicas	refletem pontos de vista consensuais, discurso controlado	refletem diferentes pontos de vista, discurso diferenciado
abordagem da recepção	institucional/proveniente dos provedores de informação	interpessoal/conflitos Intermediados através da interação
natureza da fala	direito de propriedade	capacidade de fala dos pacientes
participação	através do acesso aos sistemas de informação, gerando consumo	criação/inter-relação constante entre sistemas e canais de informação
• Política		
implicações políticas	estabilização	desestabilização
tipo de democracia	competitiva, tecnologia, meritocrática	discurso, diálogo, participação

Fonte: Quadro adaptado de Lievrouw (1994, p.352).

de associações coletivas.

4 REFERÊNCIAS

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

BROOKS, B. C. The foundations of informations science. *Journal of Informations Science*, v.2, p.209-221, 1980.

CANIVEZ, P. *Educar o cidadão?* Campinas: Papirus, 1991.

DE CERTAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FARRADANE, J. Relation indexing; Part I. *Journal of Information Science*, v.1, p.267-76, 1980.

_____. Relation indexing; Part II. *Journal of Information Science*, v.1, p.313-24, 1980.

FEICHAS, S. A. Q. Proposta de reestruturação organizacional de uma ONG e processo de aprendizado de mão-dupla. *Revista de Administração*, v.2, n.29, p.164-83, abr./jun. 1995.

FERNANDES, R. C. *Privado, porém público: o terceiro setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

FIGUEIREDO, N. O processo de transferência de informação. *Ciência da Informa-*

ção, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p.119-138, 1979.

GOMEZ, M. N. G. de. Informação e conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v.13, n.2, p.107-14, jul./dez. 1984.

HJORLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon information science: domain analyses. *Journal of American Society of Information Science*, v.46, p.400-425, 1995.

INGWERSEN, P. Conceptions of informations science. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE: historical, empirical and theoretical perspectives. University Tampere, Finland, August, 26-28, 1981.

LIEVROVW, L. A . Information resources and democracy; understanding the paradox. *Journal of the American Society for Information Science*, v.45, n.6, p.352, jul. 1994.

LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J. M; MEYER, D.; WALDOW, V. R. (Org.). *Gênero e saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.7-18.

MARILAC, L. de; CORDEIRO, R. L. M. Um encontro entre educação popular e gênero na CENAP. In: Tecendo idéias. Recife, CENAP, 1995. p.19-28.

MATELETO, R. Cultura informacional: construindo o objeto informacional pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. *Ciência da Informação*, Brasília, v.24, n.1, p.89-93, jan./abr. 1995.

NORA, S.; MINC, A. L. *L'information de la société*. Paris: La Documentation; São Paulo: Loyola, 1993.

OLIVEIRA, M. *Ética e racionalidade moder-*

¹⁷ Artefatos culturais: palavras, conceitos, técnicas, regras, linguagens através das quais os sujeitos sociais dão sentido, representam, produzem e reproduzem sua vida material e simbólica. (Marteleteo, 1995).

na. São Paulo: Loyola, 1993.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996.

PAIVA, D. W. *Transferência de informações em tecnologias apropriadas ao pequeno produtor rural: um estudo do Núcleo Rural de Planaltina*. Brasília: UNB/CID, 1990. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) – UNB.

PONTUAL, P. Os centros de educação popular na conjuntura brasileira (1984/1986). *CEPIS*, São Paulo, n.192, jun./jul. 1984.

RAMALHO, J. R. *ONGs na Paraíba: as bases da ação propositiva*. João Pessoa: UFPB, 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UFPB.

REIS, E. O estado nacional como ideologia: o caso brasileiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, jun./dez. 1988.

SALOMON, L.; ANHEIER, H. In search of non-profit sector: the question of definitions. *Voluntas*, v.3, n.2, 1992.

TAYLOR, R. *Value-added processes in informations systems*. Norwood/New Jersey: Ablex Publishing Corp., 1986. p.12-22.

TEIXEIRA, M. C. S. *Antropologia, cotidiano, educação*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

WERSIG, G. Information science needs a theory of a information actions. *Social Science Information Studies*, v.5, p.11-23, 1985.

Eliany Alvarenga de Araújo

Professora do Departamento Biblioteconomia e Documentação – DBD/UFPB

Coordenadora do Curso de Mestrado em Ciência da Informação – CMCI/UFPB

Doutora em Ciência da Informação

Title

Information, Society and Citizenship: Informational practices of non-governmental organizations – Brazilian NGOs

Abstract

Analyses the relation between Information and Citizenship, based on the informational practices implemented by Brazilian non-governmental organizations which work gender and women rights. The informational practices are characterized by the following actions: reception (as an action for selection) generation (as an activity of re-appropriation, in the sense of aggregating value to information) and information transference (as a socialization action). It is emphasized that the information must be generated, transferred and received through a co-participant educational process, enabling the formation of a social subject who is able to develop self-consciousness and awareness of the world and who, from this point on, becomes also able to implement political actions in different levels, developing an active citizenship, that is, struggling for the possibility of creating, transforming as well as having the power or powers under control.

Keywords

Information and Citizenship; Information and Society; NGOs and Information; Socialization

of Information.

Titulo

Información, sociedad y ciudadanía: prácticas informacionales de organizaciones no gubernamentales – ONGs brasileñas

Resumen

Analisa la relación Información y Ciudadanía, a partir de las prácticas informacionales implementadas por Organizaciones No-Gubernamentales (ONGs) brasileñas que trabajan con la cuestión del género y de los derechos de la mujer. Las prácticas informacionales se caracterizan a través de las siguientes acciones: recepción (como acción de selección), generación (como actividad de reapropiación, en el sentido de agregar valor a la información) y transferencia de información (como acción de socialización de información). Destaca que la información debe ser generada, transferida y recibida a través de un proceso educacional coparticipativo, posibilitando con eso la formación de un sujeto social con capacidad de desarrollar conciencia de sí y del mundo y, a partir de ello, sea capaz de implementar acciones políticas en diferentes niveles, desarrollando así, una ciudadanía activa, o sea, luchando por la posibilidad de creación, transformación y control sobre el poder o poderes.

Palabras-Clave

Información y Ciudadanía; Información y Sociedad; ONGs e Información; Socialización de la Información

Artigo recebido em: 30/04/98
